

## Brasil recua no ranking global de crescimento do PIB, aponta Austin

Por **Renata Nunes** — 2 de setembro de 2025 Em **Análises, Economia, Exclusivas, NACIONAL**



Crescimento do PIB brasileiro desacelera e país ocupa 32ª posição no ranking. Foto: depositphotos.com / rafapress

O Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil avançou 0,4% no segundo trimestre de 2025 em relação ao trimestre anterior. Na comparação anual, o crescimento foi de 2,2%. O resultado coloca o país na 32ª posição mundial no ranking de crescimento econômico, da **Austin Rating** com base em dados do IBGE, bancos centrais, Eurostat, OCDE, FMI, Banco Mundial e The Economist. O Brasil teve uma queda acentuada no ranking do trimestre anterior, quando ocupava a 5ª posição.

Para **Alex Agostini**, economista-chefe da **Austin Rating**, o resultado reflete um padrão recorrente da economia brasileira. Segundo ele, o país “segue refém de uma política econômica de curto prazo, diferente dos países da Ásia, que têm uma política de longo prazo”. Essa diferença explicaria a oscilação da posição do Brasil nos rankings de crescimento, enquanto economias emergentes asiáticas permanecem entre as primeiras

posições de forma consistente. “*Ainda que a política fiscal expansionista brasileira gera crescimento no curto prazo, ela traz efeitos colaterais, como inflação e necessidade de juros altos no médio prazo*“, destaca.

Posição	País	PIB 2T25 / 2T24	PIB 2T25 / 1T25	Taxa anualizada (*)
1º	Indonésia	5,1%	4,0%	17,2%
2º	Taiwan	8,0%	3,1%	12,8%
3º	Malásia	4,4%	2,1%	8,7%
4º	Arábia Saudita	3,9%	2,1%	8,7%
5º	Tunísia	3,2%	1,8%	7,4%
...	...	...	...	...
15º	EUA	2,0%	0,8%	3,3%
18º	Espanha	2,8%	0,8%	3,0%
25º	México	0,0%	0,6%	2,4%
<b>32º</b>	<b>Brasil</b>	<b>2,2%</b>	<b>0,4%</b>	<b>1,6%</b>
35º	Reino Unido	1,2%	0,4%	1,4%
38º	França	0,8%	0,3%	1,2%
45º	Alemanha	0,2%	-0,3%	-1,1%
47º	Canadá	1,2%	-0,4%	-1,6%
49º	Irlanda	12,5%	-1,0%	-3,9%
55º	Vietnã	8,0%	n.d.	n.d.

Foto: Reprodução/Austin Rating

## Brasil, G7 e os BRICS: veja o crescimento dos blocos

A média de crescimento dos países do **G7** foi de 1,4% no comparativo anual, enquanto os **BRICS** cresceram, em média, 4,1%. A **Zona do Euro** apresentou alta de 1,4%. O estudo também aponta que o Brasil apresentou desempenho abaixo da média dos BRICS, mas superior ao de países como **Alemanha, França e Itália**.

Em valores correntes, o PIB brasileiro atingiu US\$ 2,126 trilhões em 2025, representando 1,9% da economia global. O país permaneceu na **10ª posição** no ranking mundial, logo atrás do **Canadá** e à frente da **Rússia** e da **Espanha**. Para 2026, a estimativa é de que o PIB brasileiro avance para US\$ 2,187 trilhões, mas mantenha a mesma colocação no ranking.

Os **Estados Unidos** lideram a lista com US\$ 30,5 trilhões em 2025, seguidos pela **China** (US\$ 19,2 trilhões) e pela **Alemanha** (US\$ 4,7 trilhões). O levantamento mostra ainda que as 15 maiores economias do mundo concentram 75,8% do **PIB** global.

Veja a lista:

Posição	País	PIB 2025 (US\$ bi)	Part. % 2025	PIB 2026 (US\$ bi)	Part. % 2026
1º	Estados Unidos	30.507,2	26,9%	31.717,6	26,8%
2º	China	19.231,7	17,0%	20.375,9	17,2%
3º	Alemanha	4.744,8	4,2%	4.911,7	4,1%
4º	Índia	4.187,0	3,7%	4.601,2	3,9%
5º	Japão	4.186,4	3,7%	4.373,1	3,7%
6º	Reino Unido	3.839,2	3,4%	4.040,8	3,4%
7º	França	3.211,3	2,8%	3.317,9	2,8%
8º	Itália	2.422,9	2,1%	2.504,6	2,1%
9º	Canadá	2.225,3	2,0%	2.332,6	2,0%
<b>10º</b>	<b>Brasil</b>	<b>2.126,0</b>	<b>1,9%</b>	<b>2.187,0</b>	<b>1,8%</b>
11º	Rússia	2.076,4	1,8%	2.085,1	1,8%
12º	Espanha	1.799,5	1,6%	1.886,2	1,6%
13º	Coreia do Sul	1.790,3	1,6%	1.851,8	1,6%
14º	Austrália	1.771,7	1,6%	1.841,0	1,6%
15º	México	1.692,6	1,5%	1.775,3	1,5%

Foto: Reprodução/Austin Rating

## Investimentos recuam e limitam expansão do PIB

Na comparação com o segundo trimestre de 2024, o PIB cresceu 2,2%. O resultado foi impulsionado pela **Agropecuária (10,1%)**, pela **Indústria (1,1%)** e pelos **Serviços (2%)**. No acumulado de quatro trimestres, a alta foi de 3,2%.

Pela ótica da produção, os Serviços cresceram 0,6% no trimestre, com destaque para atividades financeiras (2,1%), informação e comunicação (1,2%) e transporte (1,0%). A Indústria avançou 0,5%, puxada pelas Indústrias Extrativas (5,4%), enquanto a Agropecuária apresentou leve queda de 0,1% após forte resultado no início do ano.

Pela ótica da demanda, o **Consumo das Famílias** subiu 0,5%, mas a **Formação Bruta de Capital Fixo** recuou 2,2%, interrompendo seis trimestres consecutivos de alta. O **Consumo do Governo** caiu 0,6%, enquanto as **Exportações** cresceram 0,7% e as Importações caíram 2,9%.

**Roberto Dumas**, mestre em economia, chamou atenção para a queda de 2,2% nos investimentos no segundo trimestre, fator que limita o potencial de crescimento de longo prazo. Pela ótica setorial, ele destacou o avanço da indústria extrativa, com crescimento de 5,4% impulsionado pelo petróleo, gás e minérios, enquanto a indústria de transformação recuou 0,5% e a construção civil caiu 0,2%. *“O consumo desacelerou de 1,0% para 0,5%, e esse comportamento reflete o efeito da política monetária contracionista, que deve impactar ainda mais no terceiro e quarto trimestres de 2025”*, afirmou.

Já **Maykon Douglas**, economista, avaliou que o resultado, apesar da desaceleração, trouxe uma composição ligeiramente mais positiva do que o esperado. *“O agro se manteve estável, a indústria e os serviços apresentaram melhora na margem, e isso suavizou a desaceleração”*, destacou. Segundo ele, a resiliência do consumo das famílias, apoiada pela massa salarial mais forte, continua sendo um dos principais suportes do crescimento, mesmo em meio ao aperto monetário e à queda nos investimentos. Douglas mantém projeção de alta de 2,2% para o PIB de 2025.

## **Consumo das famílias segue como principal motor do PIB**

Na avaliação de **Felipe Queiroz**, economista-chefe da **Associação Paulista de Supermercados (APAS)**, o consumo das famílias permanece como o vetor central da atividade econômica. *“Estamos observando um mercado de trabalho aquecido, com a menor taxa de desemprego da série histórica e aumento da renda real”*, destacou. Ele ressalta, no entanto, que os juros elevados, atualmente em 15% ao ano, funcionam como freio de mão para a economia. Para a APAS, se não houver mudanças na curva de juros, o crescimento deve se manter limitado, entre 2,2% e 2,4% neste ano.

Além dos fatores internos, Queiroz lembrou que o cenário internacional tem peso relevante no desempenho da economia. O avanço do neoprotecionismo e o tarifaço dos Estados Unidos criam obstáculos ao comércio exterior e forçam o Brasil a buscar novas parcerias e mercados. Esse movimento, segundo ele, será decisivo para a manutenção da atividade econômica nos próximos trimestres.